



Mademoiselle Guizelle na peça *La Gamine*

(Cliché Felix)

N.º 270 Lisboa, 24 de Abril de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno. 4\$800—Semestre, 2\$100—Trimestre, 1\$200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SEculo

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão RUA DO SEculo, 43

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

rianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior Abergaria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de dekilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de tórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é tornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado**
Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva de amortização ...	266.400\$000
Rés ..	050.310\$000

Séde em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Ma-

GRATIS AOS QUEBRADOS

Um methodo simples que tem curado centenas de pessoas, sem Dor, sem Perigo sem impedir o trabalho e sem perda de tempo

OFFERECE-SE A TODOS UMA EXPERIENCIA GRATUITA

A hernia (quebradura) é curavel sem operação, dor, perigo ou perda de tempo. Quando dizemos curavel, não queremos dar a entender que a quebradura possa unicamente reter-se mas sim que se effectua uma cura que permitta deixar de usar funda.

A fim de levar a todos o convencimento de que a nossa descoberta pode effectivamente curar, pedimos que façam uma experiencia, que nada lhes custará. Curar significa fazer cessar todo o soffrimento, augmentar o vigor physico e mental, a facilidade de gozar de novo as delicias da vida e muitos annos de bem estar e satisfação accrescentados a vida. Offerecemos gratuitamente uma amostra do nosso tratamento que tem curado em centenas de casos.

Não é necessario mandar dinheiro; basta preencher o coupon que se segue, indicando no desenho a posição da quebradura, e mandarnos o coupon. Ninguém deve descuidar, um só dia, este importante assumpto, nem continuar a atormentar-se com fundas compradas leitias, baratas e communs.

Esta offerta é a mais equitativa que se tem feito e todos os que padecem de hernia a deveriam aroveitar immediatamente.

COUPON (S 161.)

Marque-se n'esta illustração a posição da quebradura, e responda-se ás perguntas. Em seguida corte-se o coupon e mande-se ao **Dr. W. S. Rice, 8 e B, Stonecutter Street, Lon. res, E. C.**



Que idade tem?

Incomoda-o a quebradura?

Usa funda?

Nome

Domicilio

Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Limosine, uma Landaulette e um doublephaeton em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na **Casa Simplex, Bicyclettes, Discos e machina; fallantes de J. Castello Branco.**

O que ha de melhor em bicyclettes inglezas desde 235000 rs. com todos os pertences. Accessorios barattissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas fallantes das mais modernas desde 65000 réis.

Rua do Socorro, 23-B. Rua de Santo Antão, 34. Telephone 2975.

COMPREM Foulard Seda SUISSA

Peçam as amostras das nossas Sedas Acvenutés de primavera e de verão para vestidos e blusas:

Foulards, Voiles, Crêpe de Chine, Chines cachemire, Eolienne, Mousseline, etc. de largo desde fr. 1,25 o metro, em réis, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «b. lites», lá, «tôit» e seda. Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos retalheiros e francas de porte a comição.

Schweizer & C.^o
Lucerne E 12 (Suissa)

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

PARA ENCADERNAR

Illustração Portuguesa

Administração do SÉCULO

LISBOA

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **SEGUNDO SEMESTRE DE 1910** da «Illustração Portuguesa». Preço 360 réis. Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia póde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispicio respectivo.

MISS FLIRT VEM A BORDO

EPISODIOS DE VIAGEM

Miss Flirt vem a bordo.

Miss Flirt vem a bordo e vem só.

Mas miss Flirt confia, e muito bem confia, em que todos os que a cercam outra coisa não querem senão isto: acompanhá-la.

Miss Flirt tem um cinto de prata e ancas de Diana e ariscos os olhos de gata fulva.

A sua trunfa de ouro passa da aureola de lhama de uma *echarpe* nevada ao fardo de trevas do enorme chapéu em *cloche*, conforme o tempo, conforme o balanço, conforme a lua e sobretudo conforme a sombra da lua. Mas sempre graciosamente, scintillantemente, como uma *gemma* muda de escriptorio ou um colar precioso de pelle.

Ora *seu* Veridiano, *seu* Veridiano Martyr, de Jacarapaguá, adora com ar-

rebatamento—e discreção—miss Flirt.

E o teu primo Bernardo—ó meu amor!—detesta clamorosamente *seu* Veridiano...

E tão clamorosamente que já *seu* Veridiano, *seu* Veridiano Martyr, de Jacarapaguá, surdo do ouvido esquerdo, o sabe, apesar de teu primo Bernardo—que ha doze annos o conhece—lhe dar sempre, no *footing* vespertino da coberta, a direita, para mais á vontade, aparentando delicadeza, o escarnecer, quando apresenta *seu* Veridiano aos companheiros de paquete como o aclamadissimo auctor do *Ventre Mudo!*

Insidiosos motejo que o burlado *seu* Veridiano, por ouvir mal, agradece muito envaidecido.

Junta, pois, anor-sinho, a estas figuras de destaque:

—o estado interessantissimo de uma noiva do Recife, partida ha treze dias de Veneza, em abalada febril e expressa a Pernambuco para ali descansar, desgome-lar e naturalisar, por patriotismo, o ventre brasileiro.



Antes do segundo almoço



Antes do «lunch»



—e os quatro olhos lindíssimas de duas agoniadíssimas irmãs, ambas de branco e negro, a quem um engenheiro moreno de mosca cinzenta faz com apêgo a côrte e serve tan-gerinas.

—e a casa *Tellier* (Bob e Marcelle) com despacho á *Argentina—wanted on voyage*:

—e a rainha Margot, franceza histerica, vibrante de soluços que um pudoren-tô balhau de bandós ingle-zes, nunca abandona.

—e um indio, que a de-vo-ra—á Margot—peia do-çura dos seus olhos em amendoa, sempre em al-vo.

—e tres deliciosos caram-elitos chilenos, tão ge-meas, tão manas, tão eguaes, que se alguem uma d'ellas requestar e a outra beijar encontra sempre duas in-nocentes sem saber, das tres, as que lhe faltam. De-licioso ludibrio!

—e cinco glabros joga dores de *cricket*;

—e um velho principe allemão, já do avesso, que se não dorme com um li-vro aos pés d'onde a granel se entorna letra gothi-ca, anda á coca da espo-sa maganissima, a quem to-dos, além do marido, n'um galante *raily-paper* de bi-lhetes de visita, perseguem, porque ella a todos me-rios ao marido, manda os olhos gaiatos perseguir...

E terás o mais luzido d'este cento e meio de na-vegadores de luxo com que o *Araguaya* aproou na triste e nevoenta tarde de ha tres dias a este monti-culado mar sem socego, nem fim, nem céu, nem fundo.

Ha só seis duzias de ho-ras que os conheço e com elles tomo chá, e com elles tomo ar, e com elles tomo banho, mas já calculo on-de d'esta vez os fulcros da habitual tragi-comedia de bordo fazem cova.



1—O «cricket» 2—Antes do primeiro almoço 3—Miss Flirt, «playing»

Ou muito illudido eu vou, ou
seu Veridiano é fulcro tragico! Ve-
remos!... Verás!...

Porque já com recidiva eu vi
seu Veridiano, no mysterio da
noite saigada, depois do café, ao
cruzar no *deck* ensombrado miss
Flirt, suspirar.

Vi e ouvi.

E de cada vez, eu tive a impressão
que se esvaziava com for-
ça uma borracha e que miss
Flirt muito ao de leve oscil-
lava como um cannival
que a aragem toca.



A conversa em ordem unida

O cotito de gente de teu primo
Bernardo encostando á amurada o
bico da babucha de verniz apro-
veitou o incidente expansivo para
trocar — o atrevido! — com miss
Flirt um sorriso impostor de con-
fiança impertinencia e mofa.

Como muito bem sabes, eu nun-
ca gostei d'esse burlão. Não é só
por elle ser teu primo. Isso seria,
ainda assim, sem importancia. Foi
talvez esse Bernardo, na tua vida,
o menos primo de tantos que tu
tens!... Acontece porém que o
seu soturno aspecto refinou e mais
parece agora um rolo empalhado

de museu zoologico com os olhi-
tos irritantemente fimbriados de
vermelho, o boné soprado em
pôpa desastrada, as calças em
arejador de porão que o vento
lhe sacode de encontro ás gam-
bias lineares.

No cumprimento que lhe fiz
ao entrar a bordo, pela ponta es-
quiva dos meus dedos, elle de-
via ter comprehendido como era
mentiroso o meu sorriso.

E queres saber? Ha n'este mes-
mo hotel — *floating hotel* — com-
panheiros em que raro a minha
vista poisa. Mas com esse agio-
re de passaro, não ha que vêr, é
a perpetuidade da presença!

Não faz senão
observar-me, admi-
rar a alvura das mi-
nhas flanelas, a côr
das minhas peugas,
o vinho magnifico
que bebo, em que
numero — quando o
jogo o disco — cae
a minha malha de
estopa, quando me
sento á meza, quan-
do recolho á cabi-
na, quando rão as
unhas e quando na
frescura da manhã esmur-
ro a *punching ball*, com mui-
ta pena que não seja aquel-
le coiro a cara d'elle.

Um pezadelo!

E' certo (por mais que
eu proprio o evite) vêr-lhe
o bico taciturno ou pen-
dente da galeria da sala de
comer quando lá chego;
ou assomado á janella da
casa de fumo se lá
estou; ou embolian-
do o corredor dos

camarotes quando recolho; ou no
estreito buraco do siphão inglez...
reflectindo-se!

Já na distribuição do alojamen-
to, d'esta vez excepcionalmente
tumultuaria, iamos quando no mes-
mo camarote!

Vê tu, meu amor, no mesmo!

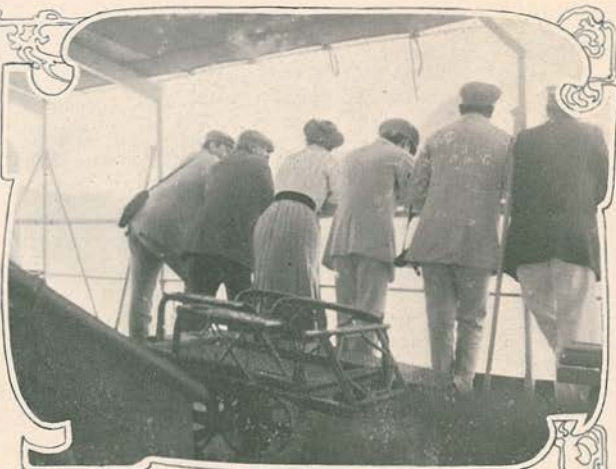
Mas logo eu, com o espirito de-
cisivo que tu tão bem em mim
tunheces — lembra-te? — achando
intoleravel a companhia, tra-
tei de conseguir, e conse-
guei — por um guinéu de lu-
vas ao *stewart* — outro mui-
to mais fresco, com uma
linda janella sobre a onda
cnde assim que desperto
banho de iodo a cara e es-

preitei, quando ainda rente á costa, a passagem de todas as pescadas do alto que não conseguiram ser comidas por nós nos saudosos jantares da tia Ignez! E olha que parece incrível que ainda ha pescadas que nós lá não tivéssemos comido!

Deixei, pois, só, esse teu primo, contando que com o tempero do enjoão elle por ali se quedaria abeberando. Mas qual! Passa tão bem, tão solidamente bem como a minha *rock-stair*. Os trastes não enjoam!

Mas se nunca eu gostei d'este teu primo, agora muito menos o tolero, e não me parece razoavel que essa tão linda miss Flirt com elle venha a trocar subrepticios olhares de entendimento.

Eaquítens querido amor, porque ha



1—Terra á vista
2—A alegria de bordo



cerca de tres horas eu alcancei a intimidade de *seu* Veridiano, *seu* Veridiano Martyr, de Jacarapaguá, e o aborvo e o esquecoteio ao Bernardo, e o afoito á inglesa, aquando á minha beira, e te pude avançar como avancei que ou muito eu me illudo ou *seu* Veridiano é fulcro tragico.

Repara bem no que elle me contou:

E' esta a sua vigésima segunda travessia atlantica. Mas só nas tres ou quatro mais recentes tem empregado com successo o sal de fructas!

E' espantoso!

Até então nunca, mas nunca, pela palavra *di S.* Nunca, qualquer chimica



3—Discute-se... bonecas



Um embarque agitado



Sutil, sutil, vento di fãvo,
Ninguem lh'inxerga funa fa-
ceira!

Sutil seu travo
Di dôrmede'ra!
E sopra... e sopra... sutil qui
sopra...

O poema é, informa elle, antigo. Tem mesmo as suas vinte e duas viagens. Mas só agora — também d'isso elle vaidosamente me elucidava antes de eu proprio lhe transmittir o reparo — só agora, poetas modernos lhe tem imitado o feito onomatópico!

Soprado por *seu* Veridiano o *Vento Mudo* nem tu supões, amor, como constipa!

D'ahi—logo decides com o teu mimoso raciocinio de alveola—o sal de fructas! Mas que terá com miss Flirt o sal de fructas?

Tudo, minha querida, tudo!

E muito mais que o *vento mudo*... *sutil qui sopra*, apesar de tambem ser certo que se eu vim a saber da existencia do vento mudo ao sal de fructas o devi.

Ris-te?! Vaes vêr!

di *doutô* lhe tinha entrado a bocca *virge*...

Assim, *seu* Veridiano, se expressa.

Estranhas?

O' meu amor! *Seu* Veridiano é além de capitalista, desembaraçado tocador de piano e de bilhar (porque andarão quasi sempre juntas estas prendas?) e o aladissimo poeta do *Vento Mudo*.

E aqui tens tu a insidia de teu primo, quando o apoda de auctor do *Ventre Mudo*.

E' pois, *seu* Veridiano, *seu* Veridiano Martyr de Jacarapaguá, o aladissimo poeta do *Vento Mudo* que começa... assim:

Na loja do barbeiro...

—Mau—murmuras tu—mais trapalhada!

Escuta com calma.

Foi na loja do barbeiro que o nosso encontro se deu.

Na loja do barbeiro, a bordo, tudo se encontra e vende, porque com extraordinaria perspicacia se acama em tal cubiculo um feliz provimento para as mais intimas necessidades dos turistas!

Lá foi por isso *seu* Veridiano ao sal de fructas. E lá fui eu, ao mesmo tempo, procurar e encontrar *seu* Veridiano.

Nada ha, vêz bem, mais simples.

Sucedeu porém que ao abrir-se o armario que resguardava o refrescante sal, n'uma brusquite inesperada do balanço se escoou d'uma prateleira um vulto rustilhante, pequeno como um punho e que no chão saltou, resaltou, abriu aneis, teve o seu quê de cobra, e se aquietou por fim com um feitiço de-finado de cintura: a cintura de miss Flirt!

E tanto eu como *seu* Veridiano murmurámos:—oh!



Um official exímio no «Two-step»

E tanto eu como *seu* Veridiano apontámos sobre o enlevo de prata, e ao mesmo tempo, as nossas mãos direitas.

Mas tanto eu como *seu* Veridiano, em cerimonia de civilisados, parámos a tempo o movimento e consentimos que fosse o barbeiro quem do chão levantasse—sacudindo-a irreverentemente—a cintura de miss Flirt.

E logo tres vozes se degladiaram como n'um leilão:

- Quanto ?
- How many ?
- Forty seven ?
- All-right ?

E assim apreciei e consegui, eu, por duas libras e sete chelins o adoravel cinturão de prata. Ainda apontei a requestada prenda, com polidez, a *seu* Veridiano.

- Se v. ex.ª quer?
- Stá mesmo em muito boas mãos...

Mas nenhum de nós lembrou sequer ao outro a razão da disputa delicada.

Passada n'esse dia a pompa do jantar de novo eu preparei encontro á mesma mezita de café, no *bar*, depois de já ter visto teu primo em preliminares de *bridge* com os habituaes parceiros de lunetas *uni bifo*.

Dei uma *prosa* a *seu* Veridiano, quer dizer, falámos. Perguntei-lhe se hav' a baile n'essa noite. *Seu* Veridiano, amavel, informou, imitando proposadamente o ar comico d'um conhecido pantomimeiro careca e louro de cinema carioca: *vae começa góra!*...

Foi nisto que á porta surgiu, entre dois officiaes de bordo, miss Flirt. Tivemos o mesmo—oh!—de espanto que um ao outro, havia pouco, nos apresentará no barbeiro.

Miss Flirt cingia, estrangu'ando-lhe o calice do busto forrado a seda

côr de pavão, o seu cinto de prata...

E foi como se mais luz enchesse a luxuosa cantina porque *seu* Veridiano catrapiscou o olhinho cúpido a tanto ofusco e tartamudeou:

- Qui joia!
- D'aqui, *seu* Veridiano, d'aqui. E pince entre o pollegar e o furabolos o lobtulo macio da minha orelha.

Então trasbordante, *seu* Veridiano descreveu-me o seu amor e o seu ciuime Desde Cherburgo, onde



Antes do jantar... das creanças

embarcára, e se lhe antolhou a linda moça, logo notou que Ella era como a ponte dos pilotos e a baiuca da bussola, occupada successiva e exclusivamente por officiaes de bordo... aos quartos.

Na estirada da Biscaia—que fôra agitadissima—durante cerca de vinte e quatro horas, só tres ou quatro, se tantos, passageiros vagueavam aos tombos nos *decks* e salões. A um canto escuro e escuro da *social hall* viu—*seu* Veridiano viu—succederem-se na companhia invejada da loirinha



tres officiaes. E nos tres
hombros maciços e nos
tres largos peitos com bo-
tões amarellos ella descan-
çara igualmente a cabeci-
nha *di fogo*. E todos, quando
findavam o seu quarto de
amor, d'elle saíam rubros e
entristecidos.

Seu Veridiano espiou-a
como um tupinambá em co-
cha de cipó.

Déra-lhe um d'elles... o
cinto que ella trazia, com-
prado no barbeiro onde eu
comprara o meu.

Outro — com cuidados mi-
nuciosos e lentissimo ope-
rar — applicára-lhe...

— Isto! Que eu posso ga-
rantir a você, isto...

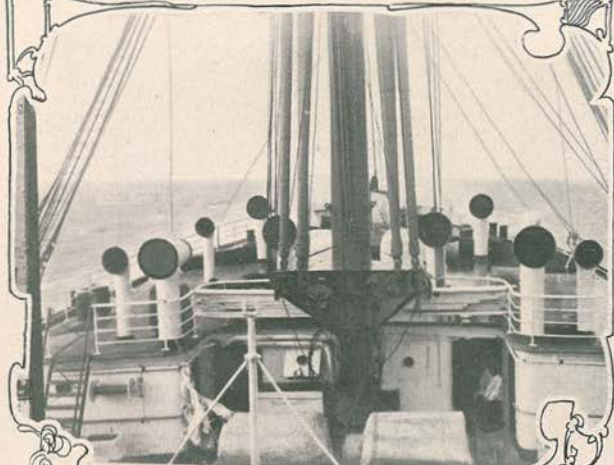
Seu Veridiano exhibe —
tirando-o do bolso interior
do *smoking* — um par de fi-
tas enlaçadas, cõr de lilaz-
esmaecido, com fivelas de
prata de tessitura igual á
do meu cinto e de que *seu*
Veridiano comprara tã-
bem aquelle duplicado no
barbeiro.

Uma tortura!

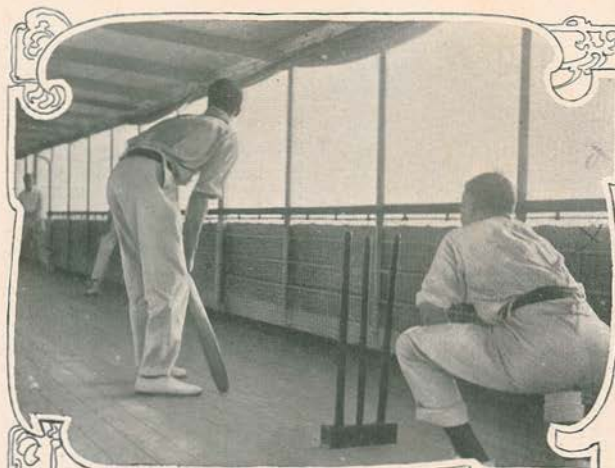
Por fim — expandiu co-
migo — certo dia, á hora do
ponto, quando todo o es-
tado maior do navio apon-
tava ao sol a responsabi-
lidade do sextante, ousada-
mente elle achegou-se á
moça amodorrada. Um sor-
riso d'ella consentiu-o.

Falou-lhe em vão fran-
cez; em vão lhe recitou o
Vento Mudo; como ultimo
argumento em vão elle fes-
teou, no anular, o cachu-
cho de tres contos, rebril-
hante.

Tudo ella parecia com ef-
feito escutar, mas em certa
altura abriu a linda bocca
de cereja... e foi... como
se bafasse um vidro! *Seu*
Veridiano não entendeu a
moça e corou. Quiz-lhe pa-
recer que ella *debochava*
n'elle, «deu-lhe uma tosse»
e fugiu... quando já o ba-
lanço abrandava, e as tres



1—Porque a todos manda os olhos perseguir-
2—No alto mar... mas mar de rosas
3—A conversa em ordem dispersa...



Flirt, tudo, mas tudo que elle vira fazer aos ingleses. . . e o fizesse em *penca!*

O que quer dizer que o fizesse com prodigalidade!

Mas fazendo-o com fatura e effusão (que tudo isso comporta a *penca* brasileira) mais me pedia, *seu Veridiano*, que, como o *Vento Mudo*, eu fôsse:

«sutil, qui sopra, vento di fàvo...»

Vês bem, meu amorsinho, como tão completamente *seu Veridiano* comprehende miss Flirt.

ARNALDO FONSECA.



1—Cricket for over.
2—Antes do chá das cinco

chilenas enquadram em tres janelas do salão os tres lindos chromos eguaes das suas cabecitas.



Assim terminada a confidencia, *seu Veridiano* declara, tomando o seu ultimo gole de café, ter muito, mas muito prazer em conhecer-me por ter verificado falar eu o *inglez do super-Byron!* (*sic*) e pedia-me que na primeira occasião...

... Amor! *Seu Veridiano* é bom e adora mis Flirt!

Pois bem, *seu Veridiano* pedia-me que na primeira occasião, e porque sei *inglez*, fizesse a miss



3—O final de um golpe de «cricket»





Mademoiselle Morgano
na peça «Gamine»
«toilette»
da casa Buzanet

Finalmente, todas as modas se impõem menos a da saia calção, apesar das tentativas desesperadas das senhoras. As ultimas criações são coisas lindas, como por exemplo esses vestidos que algumas das mais gentis actrizes francezas apresentaram na *Gamine*, no *Enfant d'Amour* e na *Vie parisienne*. Mas uma das modas que



está causando
sucesso é a
do *tailleur* em ca-
chemira de seda
côr de coral. A saia é
direita, com uns longos
pannos por detraz e aos
lados, ornados em baixo
com bordados de seda
kaki, de lã, ou de perol-
as. O casaco curto tem
uma gola ornamentada
da mesma fôrma.

Outra *toilette* que fez
sensação na ultima festa
do Concurso Hippico de
Paris, foi a saia azul ma-
rinho, um pouco levanta-
da dos lados, deixando
vêr uma saia falsa da mes-
ma côr, bordada a bran-

Mademoiselle Laugier na peça «Gamine», «toilette» da casa Buzanet

co. O casa-
co é tam-
bem curti-
nho e da sua cintura
pende uma larga fai-
xa de seda negra,
que chega até ao ro-
da pé do vestido.

Apparecem ainda
outras coisas deli-
ciosas, sendo a mo-
da das blusas em tu-
le negro, cinzento ou
azul marinho, muito
transparentes. São
muito dispendiosas,

todavia, estas blusas, pois não é *chic* vestir a mesma mais de duas ou tres vezes

Durante a primavera usar-se-hão tambem os vestidos inteiros largos, com a cinta alta, como nos trajos Directorio, tendo a saia uma especie de avental bordado, que vae até aos pés. O corpete é guarnecido de bordados inglezes e um nadinha aberto junto ao pescoço, que deve ser rodeado por uma gola fina de setim branco e as mangas curtas com tres folhinhos.



Mademoiselle Soubise com uma «toilette» da casa Bechoff

(Clichê: Felix)

AS MULTIDÕES DE LONDRES

CARTA A UM AMIGO

Foi ao sahir do hotel, quando já o porteiro solememente me abria a portinhola do taxi que devia conduzir-me ao *Holborn-Restaurant*

para almoçar com um amigo, que o *page*, fardado de verde, com o *bonnet* agalado de ouro sobre a orelha, me entregou a tua carta, tão trespassada d'essa melancholia portugueza de que todos nós mais ou menos soffremos n'essa benigna terra de Portugal e que tão merecedora de reprovação me pareceu n'esta manhã de um sabbado de Londres, entre a actividade optimista e corajosa d'este grande povo discreto e sóbrio, que não sabe carpir-se. E o meu pensamento logo foi procurar-te a essa tranquillidade e silenciosa rua do bairro da Estrella, onde tu vives e te vi, sentado á tua lugubre meza de pau santo, molhando a pena no teu fradesco tinteiro de latão,

e escrevendo á luz de topasio de uma restea de sol esta carta sombria, tão doce e tão triste, como só as amorosas infelizes, assíduas leitoras de Walter Scott, escrevem raramente n'esta forte e saudavel Inglaterra, onde tão vivo existe o pudor orgulhossimo do queixume. Mas logo tambem, n'essa evocação, o meu espirito pesaroso encontrou as justificações para a tua esteril e romantica melancholia. No silencio de claustro da tua rua, onde só resoam em dias de semana os plangentes pregões das loterias e os gritos musicas das varinas,

tu foste irreprimivelmente resvalando n'essa tristeza meditativa dos isolados, a que tanto propende o fatalismo mouro da nos-

♦♦

Cheapside





Fleet

Street



sa raça inactiva. Que admira
que os teus pensamentos sejam
tristes n'es-

neza, no Chiado; depois á porta da
Monaco, no Rocio; em seguida á por-

se preguiçoso ambiente de inercia, onde tudo se alia e concilia para deprimir as energias, suffocar as alegrias e saturar as almas de indolencia? Sei que tu vaes lembrarme, compadecido pelo meu raciocinio insensato, que do teu andar da rua do Rosario todos os dias desces pelo vagaroso elevador da Estrella á buliçosa Baixa e largamente, profundamente, primeiro á porta da Hava-



As 2 horas da tarde em Cheapside



ta da livraria Rodrigues, na rua do Ouro; e finalmente á porta do *Bijou*, na Avenida, tu te deixas emborber de rumor e de civilização, ouvindo as notícias que circulam n'esse grande phonographo resoante, de mil invisíveis tubos acusticos, cujos discos enormes são representados pelo Rocio com os seus cafés e pelo Terreiro do Paço com as suas arcadas.

E comtudo, cerrando os olhos no

zes: a voz tentadora e immoral que promette a fortuna. E quando, ao acordar d'esse curto sonho evocador da nossa Lisboa oriental, abri os olhos — justamente no momento em que o *taxi*, parado em frente ás portas floridas e concorridas do *Frascati* pela batuta auctoritaria e prestigiosa de um policia, me facilitava a contemplação do diligente formigueiro humano que enchia a rua com as suas vagas incessantemente renovadas — o que os meus olhos viam era



O Banco de Inglaterra

e a Bolsa

meio do embalador sussurro d'esta colmeia gigantesca, atravessando *Oxford Street*, a imagem de Lisboa que os meus sentidos unanimemente evocam é a de uma pequena cidade edificada junto a um magestoso rio quasi deserto de navios, com ruas quasi despovoadas de transeuntes e por onde mil pequenos garotos descalços e mil mendigos lamurientos annunciam a um povo su-perticioso os numeros das caute'as e dos vigesimos da Santa Casa da Mizericordia. Porque essa é a voz que ahi se ouve acima de todas as vo-

ções prodigiosamente diferente do que eu acabava de evocar, que por instantes, como se pela primeira vez me fôsse dado examinar o povo inglez, me considere não apenas o representante estupefacto de uma raça defeituo-a e modesta, mas quasi humilhanamente protraído á condição humilde de uma outra e inferior especie!

Não vás cuidar que essa impressão totalmente ou em parte maxima resulta das quantidades e que uma rua de Lisboa em que se despejasse o mesmo transitio nume-

roso, com as filas de *taxis*, de *flys*, de *cabs*, de *omnibus*, de *handsoms* e de *coachs*, poderia transmittir da retina ao pensamento as mesmas idéas de força inexpugnável, de serenidade invencível e de actividade triumphante.

Todo o movimento, que entre os povos latinos é de preferencia sinuoso, aqui se impulsiona em linha recta. Toda esta multidão que passa, leva um destino e procura, sem perder tempo, at-

transbordantes multidões de Londres é a de que o genero humano, n'esta Roma dos tempos modernos, adquiriu um aspecto exterior de egualdade, que em mais parte alguma, n'este intenso grau, se pôde observar. Esta egualdade, não exclue, porém, a variedade. Mas o equilibrio matem-se sem os contrastes chocantes da rua de Lisboa, onde a varina descalça, a saloia barbara, o carroceiro e o mendigo nauseabundos se



Em plena

City

tingil-o. E dir-se-hia que o rythmo de um hymno ou marcha, mixto de triumphaes compassos e de combativos accordes, regula a movimentação do formigueiro humano que, sem collisões, sem estrepito, de um lado se encaminha para Marble Arch, Hyde Park e Kensington Gardens e de outro lado se arroja

para as confusões da City, por Holborne e Cheapside.

A primeira impressão visual que te provocam estas

acotovelam com as elegantes e os janotas. Certamente a rua do Arsenal, a certas horas do dia, é re'ativamente mais ruidosa que Cornhill. Mas é o ruído da desordem e da indisciplina que a enchem.

Sobre os pavimentos de asphalto, os pesados *motor-omnibuses*, com os seus *garden seats* apinhados de gente, fazem menos ru-mor do que os electricos do Conde-Barão. E que barulho atroador de batalha ou tempestade seria



Oxford

o das ruas de Londres se se multiplicasse a algazarra de pregões e discórdias da rua lisboeta na relação das *quantidades humanas* que enchem às duas horas de um sabbado Fleet Street e a rua do Ouro! O turbilhão circula e transita sem atropellamentos, como se o tivessem organizado militarmente. D'este afan laborioso, que immensa, perturba-



Street

ductos sombrios, sem esplendor e alegria. A tua facil credulidade de latino logo adoptará essa definição monstruosamente errada, e como seria grande o espanto que dilataria os teus olhos, se n'este *Napier* confortavel, acieado e florido, que por dois *shillings*, incluída a gorgêta, me conduz de Piccadilly Circus ao Holborn, te fôsse dado assistir



Picadilly Circus

a este cortejo colossal que se desdobra, ás horas em que principia o *week end*, n'esta esplendida Oxford Street, que communica a City com os parques maravilhosos de Kensington e de S.^t James! D'aqui a duas horas, pelas clareiras verdes d'esses parques immensos, com a mesma actividade alegre com que trabalharam toda a semana nas lojas, nos escriptorios, nos armazens, nas secretarias e nos bancos, os empregados do com-

guma como na aristocratica Inglaterra concorre para produzir uma impressão visual e harmonica de prosperidade, de felicidade e de opulencia. A nota dominante da multidão de Londres é a elegancia: uma elegancia sobria e uniforme. Um unanime sentimento de dignidade parece constituir a base do caracter do anglo-saxão. O proprio cocheiro dos omnibus tem a magestade de quem conduz um cortejo real



Regout

Gireus



mercio jogarão o *foot-ball*, decididos a recomençar na segunda feira a sua tarefa com a mesma diligencia escrupulosa, com o mesmo zelo inatigavel, com a mesma calma risonha com que se precipitam agora para os seus saudaveis jogos gymnasticos. E esse culto da personalidade, tão eminentemente britannico, que ao primeiro olhar nivela no mesmo aspecto o burguez e o *gentleman*, em parte a-

Tudo, desde os comparsas d'este spectaculo grandioso, que é a rua de Londres, se harmonisa e concilia para a produçõa do seu inexcedivel aspecto de imponencia. E quando se vê um unico policia, um d'esses loiros gigantes sem armas, fazer parar a uma esquina, n'uma encruzilhada de ruas, a um simples aceno da mão, o enxame humano, os interminaveis sequitos de automoveis, de omni-

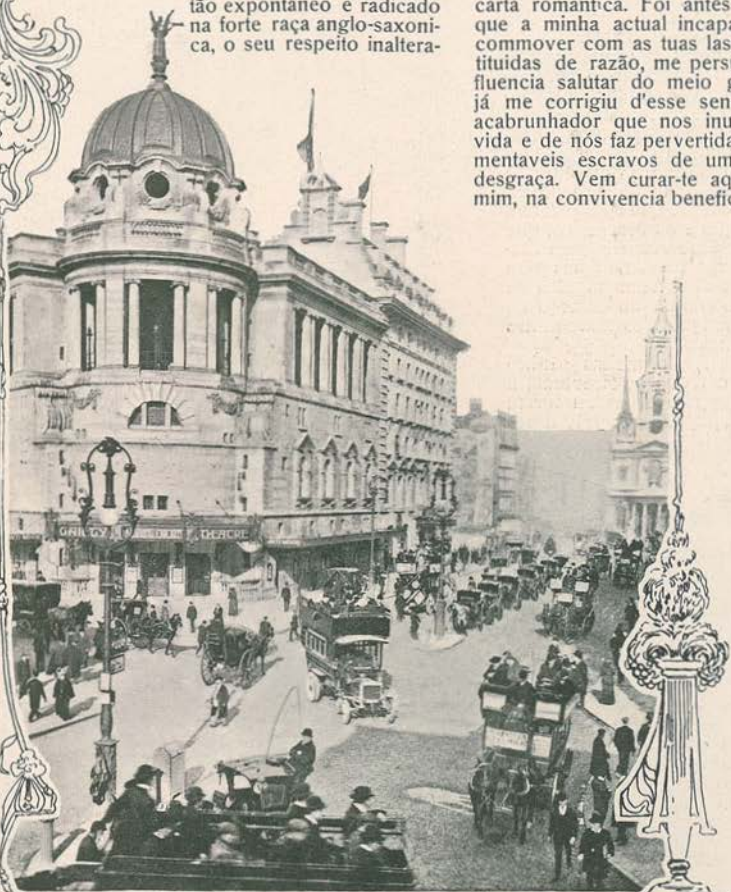
bus de carroças e de *cabs*, tem-se a noção repentina do respeito pela ordem e pela autoridade, que tão inconfundivelmente caracteriza o inglez e a que elle deve o quinhão maior da sua força. E' esse instincto de ordem que propaga aos turbilhões de Londres a sua regularidade e o seu automatismo disciplinado. O inglez foi o primeiro povo que comprehendeu a importancia social da ordem e que d'ella soube extrahir os elementos essenciaes da omnipotencia. E' d'essa coordenação obediante de trinta milhões de energias e de vontades que resulta o poderio indestructivel da Inglaterra. E se juntarmos a esse sentimento civico, tão expontaneo e radicado na forte raça anglo-saxonica, o seu respeito inaltera-

vel pela tradição, o seu optimismo, o seu senso moral, a gravidade puritana tão peculiar ao protestantismo e esse ardente, jovial amor pela vida e pelos prazeres physicos da saude, que faz do inglez o inimigo irreconciliavel da melancolia, ter-se-ha encontrado a explicação satisfactoria do phenomeno humano que é, para nós portuguezes lamurientos, latinos exaltaveis e voluveis, capazes de todos os excessos, o comedido povo britannico.

Mas não foi para me exaurir em vás philosophias que me resignei a perder o primeiro acto da *Bath Girl in The Family* a fim de que o correio não deixasse de te levar ainda hoje uma resposta á tua carta romantica. Foi antes para te dizer que a minha actual incapacidade de me commover com as tuas lastimas, tão destituidas de razão, me persuade que a influencia salutar do meio grandemente já me corrigiu d'esse sentimentalismo acabrunhador que nos inutilisa para a vida e de nós faz pervertidamente os lamentaveis escravos de uma imaginaria desgraça. Vem curar-te aqui ao pé de mim, na convivencia benefica d'esta col-

meia laboriosa, d'esta gravidade varonil do povo inglez, que tão sensatamente consome em engrandecer-se as energias que nós desbaratamos a queixar-nos. Um passeio pela manhã, antes do almoço, na City; um passeio á tarde, antes do jantar, em Hyde Park bastariam para te inspirar um eterno horror pela lamuria. Vem aprender aqui a ser forte, a ser sereno e a ser bom.

P N.



Kingsway e Gaiety Theatre

O Lançamento da Jupe-culotte no Rio de Janeiro

A saia calção é a moda do escândalo. Por onde passa arrasta uma série de doestos, vaías apupos. Os hespanhoes, tão galantes, que se desbarreteiam diante das damas como se o fizessem ainda com um chapéu de plumas, gritaram rancorosamente, por aquella porta del Sol fóra, contra as primeiras damas que appareceram na rua com essa moda dubia; os francezes, tão espirituosos, cravejaram-nas de epigramas ao verem-nas surgir em Auteil, os italianos, no seu instintivo culto pela arte, acharam-nas um attentado e houve até um alto funcionario romano que se suicidou ao vêr as filhas ensaiando esse vestuário que as tornaria nas ruas o alvo das chacotas. Nós, os portuguezes, sempre tão promptos a defender as mulheres, netos de Magriço, com o nosso quê de cavalheiresco à antiga, tambem não as poupamos desde que appareceram com a tal saia-calção e os brazileiros, que de nós herdaram esse respeito pela mulher a cuja vida larga os torna aptas para todas as originalidades n'um impulso de extranheza não toleraram ao começo de bom grado a exhibição d'essa moda nas ruas do Rio de Janeiro.

As primeiras senhoras que se atreveram a apparecer assim foram apupadas; depois a po-



A «jupe-culotte» de mademoiselle Dolban

da não teve nenhuma das nossas artistas, apesar de se dizer que a Angela e a Adelina o tenta-

riam. Quem sabe se a rua não respeitaria esse capricho das actrizes?!

O publico tem particular sympathia pelas mulheres de thea-

licia veiu para as ruas, a cavallaria começou a pular as avenidas a fim de assegurar ás damas a liberdade de trajó Parecia que o Rio estava em revolta. Eis o que fez a saia-calção!

Um dia annunciou-se que um grupo de senhoras appareceria com essas vestes. Encheram-se as ruas, houve gente ás esquinas, á porta dos cafés, avida, anciosa, n'uma demorada espera. Na vespera fóra apupada madame Lespinasse, contra-mestra da casa Raunier, que se expuzera arrojadamente ás fúrias da multidão e dentro em pouco em frente dos ateliers que ella dirige o povo clamava.

Mas desde que a cavallaria veiu para a rua a assegurar a ordem não se hesitou mais. Outras senhoras appareceram a coberto da auctoridade e da calorosa defeza da imprensa.

No theatro a actriz Marcondes de Moura não esperou muito tempo, appareceu de saia-calção, audacia que ain-

Mademoiselle Rosinha, a quem cabem as honras de haver apparecido pela primeira vez vestida em publico, no Rio de Janeiro, com a «jupe-culotte»





tro. Perdoa-lhes cousas que a outras não tolera. Tem um sorriso condescendente e admirativo, passa-culpas: Ora foi a Angela! Ora é a Adelina!...

D'este modo talvez Lisboa pudesse vêr como o Rio de Janeiro a saia-calção lançada á larga, sendo a suprema moda, o grande *chic* apudado na vespéra, no dia seguinte glorificado. Agora já a contra-mestra dos *ateliers* que n'um reclamo estrondoso atirou a moda no Brazil pôde sahir impunemente á rua e as clientes—desejosas de se vestirem assim mas falhas da sua audacia—só terão que lhe agradecer. E' certo, porém, que jámais em parte

alguma a moda, a quem chamam soberana, appareceu assim com um aspecto tão revolucionario que até move a cavallaria da guarda republicana como succedeu no Rio de Janeiro e na ultima semana em Lisboa.

Depois de tanto escandalo só resta adoptal-a porque, por mais que resistam ha-de vencer, tenham a certeza ou ella não constituisse a idéa fixa, presistente, tenaz, dominante não d'uma mulher mas de to d.as as mul heres!

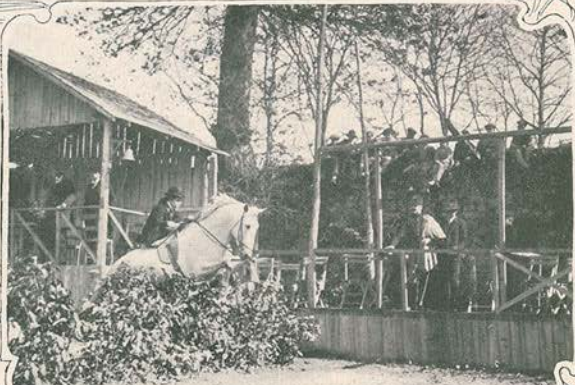


1—A multidão em frente á casa Raunier, de onde sahiram as primeiras «jupe-culottes» 2—A «jupe-culotte» de madame Lespinasse

O CONCURSO HIPICO DO PARQUE DO BESSA, NO PORTO.

O Porto fez ha dias o seu concurso hippico. Foi a segunda festa do genero n'este anno. Os concursos hippicos de que durante muito tempo não se tratou em Portugal trazem a vantagem do desenvolvimento da raça cavallar e a mais dextra forma da equitação.

As corridas de cavallos tentadas durante uns annos no Hippodromo, em Pedrouços, não deram resultados. Eram um ponto de *rendez-vous* mundanos, as tribunas; os *sportmens*



na Tapada e acaba n'estes concursos que já são vistos com verdadeiro entusiasmo. Em Lisboa existe a Sociedade Hippica, no Porto o Centro Hippico e essas duas aggreiações teem realisado já as mais brilhantes festas d'este genero.

A que ultimamente se fez no parque do Bessa teve tambem, como as anteriores, phases bem interessantes e uma assistencia elegante.

Nas corridas de saltos, em que entrou uma gentiliss-

afluim, seguia-se o *jockey* na corrida pela vasta pista e abriam-se algumas garrafas de *champagne* nos intervallos. Eram um pretexto para apresentar luxuosas equipagens, uma parodia a Longchamps. Acabaram e só algum raro se lembra ainda d'ellas, das tardes de sol, da fita do Tejo ao fundo. Eça descreveu-as nos *Maias*

Durante muito tempo não se falou mais em festas hippicas. De repente surge um grupo de rapazes que começa pelos saltos d'obstaculos



1—D. Maria d'Albuquerque executando um salto de sbebe
2—Vasco Ermida, vencedor da 1.ª corrida de obstaculos
3—Um salto do cavalleiro Primo Sottomayor



sr. Mario Leição.

Nas corridas de saltos, disputadas com enorme vontade, por entre os applausos da assistencia, o premio foi ganho pelo sr. Cunha Menezes que montava o cavallo *Morgado*.

N'um enorme entusiasmo acabou o concurso hippico na capital do norte e para o proximo mez de junho preparam-se desjá grandes fes-

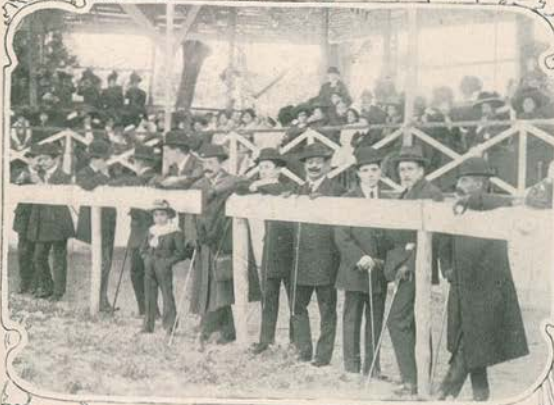
sima amazona, ganhou o premio que era um tinteiro de prata o sr. Vasco Ermida.

Na corrida, volteio, foi ganho o premio pelo sr. Frederico Bastos.

Chegou-se á apresentação de cavallos e appareceram soberbas estampas montadas pelos tenentes Cunha Menezes, Margarido Vital, Ferreira da Cunha, sendo o premio conferido á egua que este montava e pertencia ao



1—Um grupo de amazonas na "pelouse"
2—D. Luiz de Menezes, vencedor d'uma corrida d'obstaculos



3—Um aspecto da assistencia

tas de hippismo ás quaes concorrerão os nossos melhores cavalleiros.

D'este modo se vae desenvolvendo de dia para dia o gosto por este *sport* do qual adveem vantagens enormes.

Lisboa vae tambem dentro em pouco vêr outro concurso devendo concorrer alguns cavalleiros estrangeiros a disputarem um valioso premio.



OS ESTUDANTES PORTUGUEZES EM PARIS.

Os estudantes de Coimbra foram recebidos em Paris com festas, tiveram uma excellente recepção e foram muito applaudidos nos diversos logares onde se apresentaram.

A municipa-



1—Depois do desastre do comboio, em Hespanha: Sobre a neve. 2—Os estudantes de Coimbra em Versailles. 3—Os estudantes portugueses de frente da associação dos estudantes francezes.

(Clichés do sr. G. Tinoco)

lidade acolheu-os, a imprensa festejou-os, os seus collegas francezes tiveram para elles verdadeiras gentilezas e o Orpheon, sob a direcção de Antonio Joyce,



Em frente dos

«ateliers» dos Gobelinos

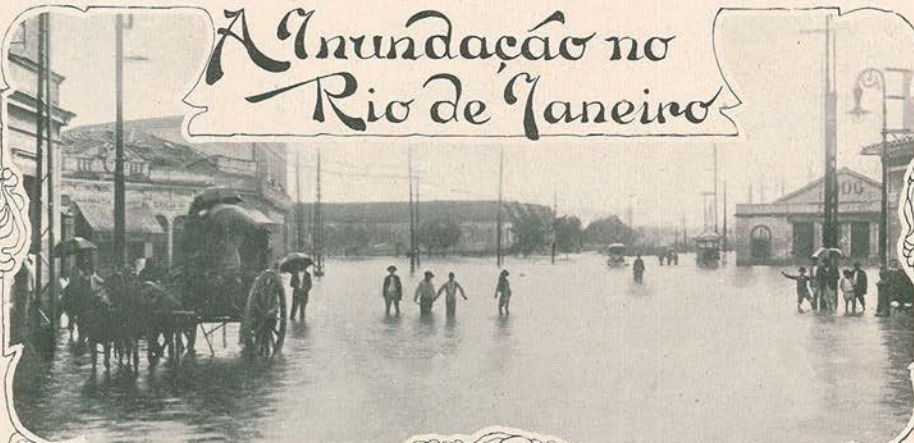
n'um côro de applausos e de louvores correspondeu bem ao que d'elle se esperava. No Trocadero, deante de seis mil pessoas, os alegres estudantes portuguezes entoaram a *Marselheza*, ouvida com delirio, e as canções nacionaes escutadas com verdadeiro prazer. Os jornaes offereceram-lhes festas e saudaram-nos em artigos carinhosos sendo bem de fraternidade a festa na redacção do *Petit Journal* onde ao soar o hymno nacional francez se soltaram vivas entusiasticos

á republica portugueza. Depois da recepção na associação dos estudantes francezes, visitas a diversos *ateliers* de pintores, a Versailles, aos Gobelinos, aos *cabarets* celebres, os nossos compatriotas despediram-se affectuosamente dos camaradas que tão grande lustre souberam dar a esta festa internacional, partindo uns para a Belgica, outros para Londres e regressando a maioria a Lisboa.



O «punch» na associação dos estudantes francezes

A Inundação no Rio de Janeiro



O Rio de Janeiro esteve em 23 e 24 de março, quarenta e oito horas, sob uma chuva torrencial. As photographias que inserimos mostram as notas pittorescas das ruas, avenidas e praças onde a inundação tomou maiores proporções. Che-



1—O largo do Matadouro 2—Como se passava na rua de Mattoso 3—Bondê encailhado n'uma lagoa



gou-se ao cumulo de andar de barco pelas grandes lagoas formadas pela chuva, sendo esta a fôrma de transportar para as suas casas os in-



Aspecto da rua Pereira
d'Almeida

dividuos surpreendidos pela tem-
pestade.

Mas não foram apenas trechos
de pittores o e episodios alegres
que surgiram n'esta invasão
das aguas; houve tambem de-
sastres que lançaram uma pro-

funda desolação
na grande capi-
tal brasileira.
Desabaram qua-
tro predios em
cujos escombros
ficaram varias
pessoas. Uma
creança foi es-
magada por um
muro no logar da
Real Grandeza,
os rios Joanna e
Maracanã trans-
bordando dos
leitos causaram
grandes perdas
materiaes. O com-
boio que vinha
de Petropolis pa-
ra a Praia For-

mosa ficou detido na estação de S. Chris-
tovão pela grande massa de agua que
enchia a vasta via; os electricos tambem
não trabalhavam, a alfandega foi alagada
e os habitantes do Rio de Janeiro durante
essas quarenta e oito horas sentiram
paralysada, como ha pouco os



A rua de Mattoso na vasante



parisienses, a vida intensissima da sua linda e ruidosa cidade. Segundo informações meteorologicas a causa d'essa chuva violenta e continuada foi a alteração subita da temperatura em virtude da transição do equinoxio.



1—Ao soprar da brisa
2—A estação marítima paralyzada
(Clichés do sr. A. Barros Lobo)

A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA EM LUCALLA

Não foi só nas diversas terras do continente e nas ilhas adjacentes que a proclamação da República deu motivo a grandes festividades. Também nas mais remotas paragens das nossas colonias ella mereceu as saudações dos funcionarios e dos habitantes como succedeu em Lucalla, onde tiveram aspectos interessantes de que as nossas photographias representam trechos. A essas festas assistiu um bravo revolucionario do 31 de janeiro, o ex-cabo Pires, que ha muito reside na localidade

1—O hastear da bandeira



2—O comboio que conduziu os funcionarios a Lucalla
3—A chegada do comboio com os funcionarios
4—Os funcionarios com as suas familias na estação

A Homenagem a Liszt

no salão da Illustração Portuguesa



D. Laura dos Reis Ferrelra

Liszt entrando na immortalidade não foi d'aquelles genios cujas obras se põem n'um altar e nas quaes não se toca por terem perdido toda a nota coherente com a nossa epoca, embora tivessem deslumbrado os antigos. Já ninguem pensa em representar as tragedias allemãs de Schiller, mas musicos seus compatriotas souberam espalhar por todo o mundo uma corrente de admirações que vão até ao culto. São como enormes *clans* entendendo-se d'um extremo ao outro da Europa, trocando impressões sobre os seus musicos queridos, tendo os wagnerianos um ponto de reunião, Beyrauth, onde o grande mestre trabalhava e onde Liszt morreu. Quasi não se podem separar estes dois nomes. Liszt foi um compositor que não invejou a gloria do outro, e, dentro das suas forças, n'uma cruzada digna, pretendeu e conseguiu fazer representar pela primeira vez essa obra-prima agora consagrada e que se chama o *Lohengrin*.

Elle tambem compunha operas; desde os quatorze annos que se dedicava á grande arte, mas não o affiliou nunca a gloria alheia. Era um religioso; vivia na sua alma um fundo de mysticismo a perfumal-a desde a mocidade e isso levava-o talvez a um superior desinteresse, agarrado á sua arte, preso no seu



2—D. Palmyra Rangel Baptista Mendes,
a promolora do concerto.
3—D. Maria Carolina Bon de Souza
Motta Marques

vasto sonho. Não foram porém as operas *Hamlet*, *Mazepa* ou o *Orpheu* que lhe grangearam a maioria das admirações, mas sim as suas soberbas composições para piano, onde avultam as *Rapsodias Hungaras* tão cheias de melodia, de encanto, de suavidade.

Uma das mais devotadas admiradoras de Liszt em Portugal é a conhecida professora de piano sr. D. Palmyra Rangel Baptista Men-



e Schiller escreveram as palavras e cuja musica é da melhor de Liszt: *Oh! quand je dors*, na qual perpassa um fremito de ternura amorosa, e *Le fils du pecheur*, *La Chanson des Berger*, *Le Chasseur des Alpes*, executadas ao piano com muito talento pela sr.ª D. Palmyra Range' e pela sua discipula D. Maria Motta Marques.

Aquelle lindo poema symphonico *Die Ideale*, com que terminou o concerto, foi toca-



1—D. Maria Carlota d'Athayde
2—D. Maria de Lourdes Range' Baptista Mendes
3—D. Adelaide de Lima Cruz



do pela professora e pela sua alumna D. Laura Reis Ferreira.

Assim, deante d'uma bem numerosa assistencia, se celebrou no salão da *Ilustração Portuguesa*, a memoria d'aquelle que tendo sido o glorioso musico, um dia foi pedir ao Vaticano uma batina e o titulo de abbaçe. Mas o abbaçe Liszt continuou a ter tanto genio como o compositor.

des, que depois de promover na sua residencia um concerto de homenagem á memoria do grande compositor, levou a cabo um outro no salão da *Ilustração Portuguesa*.

O professor sr. Ernesto Vieira abriu essa festa com algumas palavras de saudação e logo se deu começo ao concerto com a *Chanson de Mignon*, de Goethe, com musica do grande Liszt, sendo cantada pela distincta amadora D. Adelaide Lima Cruz, essa larga e sentimental evocação ao sol, ao myrtho, aos verdes loureiros.

A mesma senhora cantou ainda as canções para que Victor Hugo

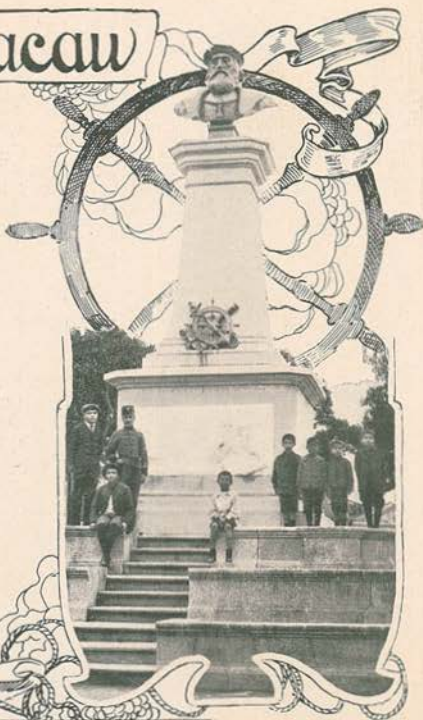
Um Festival em Macau

Macau festejou o advento da Republica com uma solemnidade bem patriótica á memoria de Vasco da Gama. Foi nos jardins de Flora, deante da população, que acorreu curiosamente, e de representantes dos setenta mil chineses da colonia que se realisou a grande festa na qual se descerrou o busto em bronze do celebre navegador portuguez.

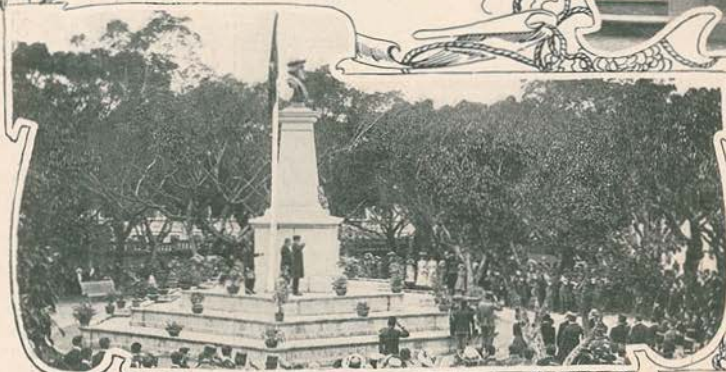
De seguida no campo vastissimo visinho dos jardins fizeram-se concursos de varios exercicios physicos em que predominaram os trabalhos dos militares, como o lançamento da bola a distancia, percursos de velocidade e a passo e uma corrida de obstaculos.

Os elementos de marinha tambem tomaram parte na festividade. Tratava-se do lançamento de um cabo que desenrolando-se no ar attingisse mais de vinte metros, o que foi conseguido pelo contramestre Pires, da canhoneira *Patria* e por dois marinheiros d'este navio e da *Macau*.

Houve tambem corrida de ciclystas e os rapazes das escolas da cidade fizeram exercicios de gymnastica sueca.



1—O monumento a «Vasco da Gama» inaugurado em Macau
2—A cerimonia da inauguração 3—No dia da inauguração



triumphal da *Portuguesa* cantada pelas creanças e dos vivas á Republica correspondidos pela população.

A lucta de tracção foi disputada por marinheiros do cruzador *Republica*, da *Patria*, *Macau*, soldados de artilharia, infantaria, policia e da guarnição de Coloane, formando-se assim grupos de europeus e indianos, vencendo os soldados de artilharia. A cerimonia terminou ao som

